

# VIA TEOLÓGICA

Volume 24 – Número 47 – jun. / 2023

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

---

## UMA ANÁLISE DO SALMO 137 E SUAS IMPLICAÇÕES SOTERIOLÓGICAS: A IMPORTÂNCIA DO ARREPENDIMENTO E DO PERDÃO PARA A SALVAÇÃO

*Ma. Danielle Mendonça de Sá  
Dr. Antônio Renato Gusso*



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons. Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

# UMA ANÁLISE DO SALMO 137 E SUAS IMPLICAÇÕES SOTERIOLÓGICAS: A IMPORTÂNCIA DO ARREPENDIMENTO E DO PERDÃO PARA A SALVAÇÃO

AN ANALYSIS OF PSALM 137 AND ITS SOTERIOLOGICAL  
IMPLICATIONS: THE IMPORTANCE OF REPENTANCE AND FOR-  
GIVENESS FOR SALVATION

*Ma. Danielle Mendonça de Sá<sup>1</sup>  
Dr. Antônio Renato Gusso<sup>2</sup>*

- 
- 1 Pastora e professora de Teologia. Bacharel em Informática pela UNESA (2006) e em Teologia pela UNICESUMAR (2022), especialista em Teologia e Interpretação Bíblica (2020) e em Estudos Analíticos do Pentateuco pela FABAPAR (2021). Mestra em Teologia na linha de pesquisa Releitura de Textos e Contextos Bíblicos pela FABAPAR (2023). Atual diretora do SETEb. E-mail: pastoradanimensagens@gmail.com.
  - 2 Pastor e professor de Teologia. Mestre e doutor em Ciências da Religião, bacharel, mestre, doutor e pós-doutor em Teologia. Autor de mais de 30 livros na área de Bíblia, atual diretor acadêmico na FABAPAR. E-mail: professor.gusso@fabapar.com.br.

## RESUMO

O presente texto tem como objetivo verificar de que forma a análise do Salmo 137 e as suas implicações soteriológicas auxiliam na compreensão de por que as maldições emitidas são aparentemente contrárias ao ensino doutrinário cristão. Devido a essa dificuldade de entendimento, o estudo justifica-se pela análise desse salmo, com a finalidade de descrever a importância do arrependimento e do perdão para a salvação. Por meio da pesquisa bibliográfica e da análise exegética do Salmo 137, a pesquisa inicialmente realiza uma análise das maldições compreendidas nesse salmo, em seguida, apresenta um paralelo entre o desejo de vingança e o perdão e, finalmente, descreve a relevância do arrependimento e do perdão para a salvação. É enfatizada a motivação do salmista e realizado um comparativo entre a sua postura e a do profeta Daniel que, assumindo o pressuposto que seu contexto histórico foi o exílio babilônico, ocorrido em 587 a.C., também se encontrava exilado, para tratar do desejo de vingança e do perdão, destacando a necessidade deste último, embora considere que as declarações do salmista estejam inseridas no conceito de justiça por reciprocidade veterotestamentária. Finaliza-se abordando o ensino de Cristo sobre a primordialidade do arrependimento e do perdão na doutrina da salvação.

**Palavras-chave:** Salmo 137. Maldições. Arrependimento. Perdão. Salvação.

## ABSTRACT

The present text aims to verify how the analysis of Psalm 137 and its soteriological implications help to understand why the curses issued in this psalm are apparently contrary to Christian doctrinal teaching. Due to this difficulty of understanding, the study is justified by the analysis of this psalm, in order to describe the

importance of repentance and forgiveness for salvation. Through bibliographic research and exegetical analysis of Psalm 137, this research initially analyzes the curses included in this Psalm, then presents a parallel between the desire for revenge and forgiveness and, finally, describes the relevance of repentance and forgiveness for salvation. It emphasizes the motivation of the psalmist and makes a comparison between his position and that of the prophet Daniel who, assuming that his historical context was the Babylonian exile, which took place in 587 BC, was also exiled, to deal with the desire for revenge and forgiveness, highlighting the need for the latter, although he considers that the psalmist's statements are inserted in the concept of justice by Old Testament reciprocity, and ends by addressing Christ's teaching on the primordially of repentance and forgiveness in the doctrine of salvation.

**Keywords:** Psalm 137. Curses. Repentance. Pardon. Salvation.

## INTRODUÇÃO

O tema do arrependimento e do perdão para a salvação está presente em toda a Bíblia, especialmente na doutrina cristã. Em seu ensino, Jesus instrui seus seguidores sobre a necessidade de perdoar e abençoar, mesmo aqueles que os amaldiçoam (Mt 5.44) e do arrependimento de pecados para a salvação (Mt 4.17). Por esse motivo, é natural que textos considerados imprecatórios, como o do Salmo 137, causem estranheza em cristãos e soem como contrários à essência do cristianismo, pela sua natureza rancorosa e, até mesmo, vingativa, pois, nesse salmo, é possível identificar um clamor a Deus por justiça com o uso de imprecações, em contraste à pregação de Jesus sobre o amor e o perdão. No salmista, havia uma expectativa de salvação humana, por intermédio de um salvador, o próprio Deus, baseada no conceito de justiça veterotestamentário. No entanto, esse

conceito baseia-se na lei da reciprocidade mencionada por Jesus em Mateus 5.38-48, ao contrapô-la para apregoar a lei do amor.

Diante dessa dificuldade de entendimento, a pesquisa delimitou-se em realizar a análise das maldições emitidas no Salmo 137 e suas implicações soteriológicas, visando abordar, à luz da doutrina cristã, a importância do arrependimento e do perdão para a salvação. Portanto, buscou-se reunir informações com o propósito de esclarecer a seguinte pergunta: de que forma a análise do Salmo 137 e suas implicações soteriológicas auxiliam na compreensão de por que as maldições emitidas nesse salmo são aparentemente contrárias ao ensino doutrinário cristão? Para essa finalidade, a pesquisa bibliográfica e a análise exegética do Salmo 137 foram utilizadas. O referencial teórico considera o pensamento de Baldwin, Champlin, Craigie, Gusso, Kidner, Pfeiffer, Radmacher, Weiser, entre outros. A transliteração dos termos hebraicos foi embasada na obra *Salmos com tradução e transliteração*, de Vitor Fridlin, David Gorodovits e Jairo Fridlin.

Em sua estrutura, ela contempla três partes. Na primeira, são analisadas as maldições emitidas no Salmo 137. Em seus versículos iniciais, do 1 a 4, o Salmo 137 oferece uma clara contextualização histórica e, a partir do versículo 5, iniciam-se as imprecações do salmista, ou seja, a emissão de maldições com o desejo expresso de que algum mal acontecesse aos adversários do povo judeu e, também, a si mesmo, no caso das automaldições. Os versículos 5 e 6 abordam as automaldições e os versículos 7 a 9, as maldições. Na segunda parte, é apresentado um paralelo entre o desejo de vingança e o perdão, tendo como referência a postura do profeta Daniel que, durante o exílio babilônico, datado de 587 a.C., também se encontrava exilado. Finalmente, na terceira, é descrita a importância do arrependimento e do perdão para a salvação, visando responder ao questionamento anteriormente apresentado, concluindo com as considerações finais sobre o assunto.

## 1. ANÁLISE DAS MALDIÇÕES EMITIDAS NO SALMO 137

O Salmo 137, objeto da pesquisa, apresenta, em suma, um clamor a Deus por justiça com o uso de imprecações. Champlin (2001, p. 2490), classifica-o como “um salmo de lamentação em grupo, que ora pedindo vingança contra os adversários de Israel”, porém Craigie (1983, p. 41) afirma que ele integra o grupo dos “salmos de lamentação individuais”. É notório que ele contrasta com o ensino neotestamentário de Jesus em Mateus 5.38-48, sobre amar e perdoar os inimigos, pois Deus não tem prazer na condenação do descrente, bem como profetizou Ezequiel ainda no Antigo Testamento (Ez 33.11), por isso enviou ao mundo o seu Filho Unigênito para salvar a todo aquele que nEle crê (Jo 3.16-18).

Para Champlin (2001, p. 2490), esse salmo menciona “que uma atitude de ódio fora insuflada no coração dos habitantes de Judá, e é inútil falar sobre os sentimentos cristãos como os que aparecem em Romanos 12,17 e ss., que condenam o devolver o mal com o mal [...]”. No texto citado, o autor deixa claro que esse tipo de interpretação doutrinária não se aplica à realidade do salmista. Partindo desse conceito, faz-se necessário compreender e interpretar o texto à luz do conceito veterotestamentário de justiça por reciprocidade, conforme proposto por Gusso (2007) em sua tese. Portanto, a seguir são reunidos dados gerais sobre o salmo, a fim de proporcionar uma interpretação adequada do texto e demonstrar a viabilidade da pesquisa. Não é pretendido apresentar uma exegese completa, e, sim, algumas informações fundamentais ao esclarecimento da mensagem proposta, abordando o texto e a sua análise contextual.

## 1.1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

No Salmo 137, primeiramente, são emitidas maldições contra o próprio salmista e, em seguida, contra os povos opressores, ao ponto de o salmista desejar a morte cruel de crianças inocentes, como disse: “Feliz aquele que pegar em teus filhos e der com eles nas pedras” (BÍBLIA, Salmo 137, 9), pois “os povos antigos tinham fé especial nas bênçãos e maldições, sobretudo quando elas estavam escoradas sobre o Nome divino ou quando Deus ou os deuses eram invocados como colaboradores” (CHAMPLIN, 2018, p. 2490) e as praticavam com veemência.

Sobre as maldições presentes no Salmo 137, e nos demais salmos imprecatórios<sup>3</sup>, aparentemente contrárias ao ensino doutrinário cristão a respeito do perdão, Kidner (1981, p. 38) trata do desconforto que eles provocam ao afirmar que “as transições repentinas nos Salmos, de devoção humilde para impreciação ardente criam um problema embaraçoso para o cristão, que tem certeza que toda a Escritura é inspirada e proveitosa, e que sabe, igualmente, que ele mesmo tem que abençoar aqueles que o amaldiçoam”. Ele também aborda o sentimento de vingança presente nos textos, ao comentá-los. Já Schökel e Carniti (1996, p. 64) declaram que “a indignação inflama-se sobretudo diante da injustiça e do abuso. Chega ao cúmulo diante da injustiça de governantes, diante do abuso contra os fracos, podendo descarregar-se em impreciações apaixonadas e até violentas. Violência verbal”. No entanto, concordam que essa seja “a face valiosa e legítima da vingança ilegal ou maligna”, uma vez que a Bíblia não apoia as tentativas impetuosas de autodefesa.

3 Como assim são chamados, apesar de muitos deles não abordarem maldição em toda a sua composição.

## 1.2 CONTEXTO HISTÓRICO

Os versículos 1 a 4 apresentam uma clara visão histórica do período mencionado pelo salmista no texto bíblico analisado. Para Schmidt (1994, p. 288), esse salmo “aponta seguramente para a época do exílio”. No intuito de facilitar a compreensão do leitor quanto ao assunto tratado, visto que todo ele está baseado no Salmo 137, a pesquisa apresenta o texto na versão em português conhecida como Almeida Revista e Corrigida, mesclado com algumas palavras em hebraico em destaque, entre parênteses, embasadas por Francisco (2020).

1 Junto aos rios de Babilônia (*bavel*, בָּבֶל) nos as-  
sentamos e choramos (*bachínu*, בָּכִינוּ), lembran-  
do-nos (*bezoch'rênu*, בְּזַכְרֵנוּ) de Sião. 2 Nos  
salgueiros, que há no meio dela, penduramos  
(*talínu*, תָּלִינוּ) as nossas harpas. 3 Porquanto  
aqueles que nos levaram cativos, nos pediam  
uma canção; e os que nos destruíram, que os ale-  
grássemos, dizendo: Cantai-nos um dos cânticos  
de Sião. 4 Mas como entoaremos o cântico do  
SENHOR em terra estranha? (BÍBLIA, Salmo,  
137, 1-4, tradução do autor embasada por FRAN-  
CISCO, 2020, p. 203).

Nos termos “choramos” (*bachínu*, בָּכִינוּ) e “lembrando-nos” (*bezoch'rênu*, בְּזַכְרֵנוּ), é possível identificar que o salmista expressa um sentimento de profunda tristeza e de saudade por estar distante da sua terra natal. Mediante esse sofrimento, pôs-se a lamentar.

Um fato interessante sobre o seu contexto histórico, e que o torna ainda mais especial, é que o Salmo 137 não é um cântico de romagem (dos degraus)<sup>4</sup>, compreendido entre os Salmos 120-134, ou mesmo um irrompimento de louvor que leva o saltério até o seu clímax, como os cinco Salmos “Halel”, 146-150, que iniciam e finalizam com “Aleluia” (“Louvai ao Senhor”). Muito mais

4 O “cântico dos degraus” possui este nome porque os judeus tinham por tradição entoarem enquanto subiam os degraus do templo de Jerusalém.

que uma oração, ele é um lamento com a expressão da mais profunda dor que os judeus exilados sentiam por estarem distantes da sua pátria, em terras estrangeiras, após a destruição de Jerusalém, que culminou com o exílio babilônico (587 a.C.). Em *A Bíblia de Jerusalém*, é sugerido, a esse salmo, o título “Canto do exilado”, e é descrito que ele “evoca a lembrança da queda de Jerusalém em 587 a.C. e do exílio na Babilônia” (BÍBLIA, 1985, p. 1102). O exílio representou um triste período para os habitantes de Jerusalém, levados cativos à Babilônia.

Quanto à sua localização, a Babilônia (*bavel*, בָּבֶל), cujo nome significa confusão, mistura, é assinalada, atualmente, por uma região de ruínas a leste do Rio Eufrates, a 90 km ao sul de Bagdá, no Iraque. É uma:

Cidade da Mesopotâmia, capital de um dos mais importantes impérios do Antigo Oriente até o século VI a.C., onde foram exilados muitos israelitas nos anos 598 e 587/586, 2Rs 17.24; 20.12-18; 24.10 – 25.30; Ed 2; Is 13 – 14; 47; Jr 20.4-6; 29; 50 – 52 – Ez 12.13; Dn 1.1). [...] Nome simbólico para designar Roma, capital do Império Romano. 1Pe 5.13; Ap 14.8 (BÍBLIA, 2011, p. 2082).

Para os judeus, e também no cristianismo, a Babilônia se tornou inimiga do povo de Deus. Para Champlin (2001, p. 2490), os versículos 1 a 3 “foram escritos com os verbos no tempo passado, como se o poeta já estivesse fora da Babilônia quando os escreveu”, versão também defendida por Pfeiffer (1985), porém, embora ambos considerem a possibilidade de o salmo ter sido escrito ou publicado em data posterior à do exílio babilônico, afirmam que isso não altera o seu valor histórico, pois seu contexto identifica-o com o do exílio babilônico. Como consequência por tamanho sofrimento, eles penduraram (*talínu*, תָּלְיוּ) suas harpas e se recusaram a cantar (v. 1-4). Pearlman (1996) argumenta que muitos dos judeus exilados ficaram desanimados e sem forças para cantar, após Jerusalém ser destruída, mas é possível que a recusa também estivesse ligada ao fato de que eles

não poderiam cantar os sagrados “Cânticos de Sião” para mero divertimento dos seus algozes (PFEIFFER, 1985).

Para os judeus, o conceito pré-exílico de adoração estava associado ao “local” certo, inicialmente o Tabernáculo, e depois, o Templo, situação evidenciada no diálogo de Jesus com a mulher samaritana em João 4.20; ao “tempo” certo, o “Santo Sábado” e as festividades que possuíam, conforme Levítico 23.1-44; e o “mediador” entre o adorador e Deus, na figura do sacerdote, que oferecia sacrifício pelo povo, conforme Números 28 e Levítico 24.9. Foi no exílio babilônico que o povo judeu precisou aprender, a duras penas, a desprender-se dessa concepção de a adoração a Deus estar restrita ao Templo, e o Salmo 137 evidencia essa mudança. O salmista presenciou e enfrentou o sofrimento de ter sido exilado e humilhado com seus conterrâneos pelos povos opressores e o extravasou na forma desse revoltoso lamento.

### 1.3 AS AUTOMALDIÇÕES (V. 5-6)

Na análise dos versículos 5 a 6, que tratam das automaldições, é possível notar que o salmista declara não se assemelhar aos que se adaptaram ao padrão de vida babilônico, chegando a amaldiçoar-se: “Se eu me esquecer de ti (*Im eshcachêch*, אֶם-אֶשְׁכַּח אֶתְּךָ), ó Jerusalém, esqueça-se (*tishcach*, תִּשְׁכַּח) a minha destra da sua destreza. Apegue-se-me a língua ao paladar, se me não lembrar de ti, se não preferir Jerusalém à minha maior alegria” (BÍBLIA, Salmo, 137, 5-6<sup>5</sup>). Ou seja, por assumir uma atitude patriota ao extremo, ele declara que prefere perder a sua capacidade de tocar e de falar a esquecer-se do lugar santo, a cidade de Jerusalém, que ele classifica como sendo a sua maior alegria (PFEIFFER, 1985), principalmente porque as promessas de Deus de bênção e de prosperidade da nação de Israel estavam atreladas à presença do povo na terra de Canaã (Gn 17.7-8), mediante a obediência dos mandamentos de Deus (Dt 28.1-14).

5 Traduções embasadas por Francisco (2020, p. 203).

A profunda dor na alma e a saudade são expressão da aflição por terem sido brutalmente separados da sua pátria, por verem sua terra destruída e muitos dos seus valores culturais perdidos naqueles que não se mantiveram fiéis a Jerusalém, pois, de fato, boa parte dos deportados se adaptaram aos padrões babilônicos. Isso porque uma característica do processo de dominação Babilônica sobre os povos conquistados e oprimidos era justamente o extermínio étnico-cultural, situação enfrentada por Daniel, também exilado, em que o rei da Babilônia, com sua astúcia, desejou que ele e seus compatriotas se adaptassem à sua dieta alimentar e que, nos três anos seguintes, fossem educados na linguagem e no conhecimento dos Caldeus (Dn 1.1-5). Assim, pouco a pouco, perderiam os seus valores étnico-culturais e, também, espirituais, pois os costumes pagãos feriam os mandamentos da Lei de Deus. Para tanto, ele selecionou jovens com talento para as línguas e as ciências.

Como consequência, fez-se necessário que o povo remanescente resgatasse esses valores, ao regressar do exílio. Com essa finalidade, os judeus “implantaram uma nova ortodoxia religiosa, centrada no conceito do puro e do impuro (sendo impuros os casamentos interétnicos) e na reestruturação do culto ao Eterno com supressão dos traços sincréticos advindos das outras religiosidades existentes na Palestina [...]” (ANDRADE, 2008, p. 192). Conforme mencionado, enquanto esteve exilado, o povo judeu precisou se reinventar. Então, passou a reunir-se nas chamadas “sinagogas”, “(termo grego que significa ‘assembleia’ ou ‘ajuntamento’), local onde se dirigiam para orar e ler as Escrituras” e que se manteve como seu lugar de reunião social e religiosa até os dias de hoje (BEAUMONT, 2012, p. 69). Setenta anos depois, como havia profetizado Jeremias, em Jeremias 25.11, o povo regressou do cativo, mas nem todos retornaram à sua terra natal. Alguns por terem se adaptado à nova terra e outros por preferirem habitar em algumas regiões da Pérsia.

Entretanto, essa dispersão, apesar de anunciada por Moisés ao povo judeu em Deuteronômio 28.61-64, como consequência da desobediência à Lei de Deus, pela misericórdia de Deus, não foi de todo ruim, pois, segundo Beaumont (2012), ela também contribuiu com a expansão do judaísmo. Logo, apesar de todas as dificuldades enfrentadas e da extrema angústia do salmista, por estar distante da sua terra e o forte apego e o amor excessivo por ela, ao ponto de amaldiçoar-se, Deus demonstrou todo o seu amor e misericórdia para com eles.

#### 1.4 AS MALDIÇÕES (V. 7-9)

Sobre as maldições emitidas nos versículos 7 a 9, Gusso (2007) argumenta que as declarações presentes no Salmo 137 estão compreendidas na ética do Antigo Testamento (Êxodo 21.23-25; Levítico 24.19, 20; Deuteronômio 19.21) e podem ser interpretadas à luz do princípio de reciprocidade da justiça veterotestamentária. Esse princípio foi normatizado pela Lei de Talião (ou de Retaliação), criada na Mesopotâmia e presente em um dos códigos de lei mais antigos, datado de 1750 a.C., o Código de Hamurabi (BOUZON, 2001). Em resumo, essa lei exige que o agressor seja punido em igual medida do sofrimento que causou, “olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé” (BÍBLIA, Êx 21.24), e era aplicada por um juiz mediante um processo legal de caráter público (Êx 18.19-23). Seu intuito é limitar a vingança, pois a inimizade de sangue era característica da sociedade tribal da antiguidade e, deste modo, “preservar os inocentes contra os criminosos, e também preservar os próprios criminosos e suas famílias, de uma punição sem medidas, sem piedade e sem fim” (BÍBLIA, 1995, p. 85), embora tenha sido utilizada por alguns, de forma errônea, para justificar vinganças pessoais (RADMACHER *et al.*, 2010).

<sup>7</sup> Lembra-te (*Zechor*, זָכַר), SENHOR, dos filhos de Edom no dia de Jerusalém, porque diziam: Arra-

sai-a, arrasai-a (áru, עָרַו) até aos seus alicerces.<sup>8</sup> Ah! Filha de Babilônia, que vais ser assolada; feliz aquele que te retribuir (*guemulech*, גְּמוּלָהּ) consoante nos fizeste a nós.<sup>9</sup> Feliz (*Ashrê*, אֲשֶׁרֵי) aquele que pegar em teus filhos e der com eles nas pedras (BÍBLIA, Salmo, 137, 7-9).

Nos termos “lembra-te” (*zechor*, רָכַז) e “arrasai-a” (*áru*, עָרַו), do versículo 7, é possível notar um protesto inconformado do salmista suplicando a Deus por sua justiça, ou seja, que Ele puna seus adversários, que os oprimiam. O salmista roga a Deus que relembre “o dia de Jerusalém”: “o 9º dia do 4º mês (junho-julho 587), quando os caldeus abriram uma brecha nos muros de Jerusalém (Jr 39.2; 52.7), ou o 10º dia do mês, quando o templo foi incendiado (Jr 52.13, cf Zc 7.5;8,19). Os edomitas (Nm 20.23) tomaram então partido dos assediadores” (BÍBLIA, 1985, p. 1102). Além dos invasores babilônicos, os edomitas ajudaram o inimigo contra Jerusalém (Ez 25.12-14; 35; Ob 10-14).

A Babilônia foi um povo ímpio, instrumento nas mãos de Deus, para castigar o povo que havia se tornado rebelde aos seus ensinamentos. Então, apelando para a justiça de Deus, o salmista rogou maldições contra seus inimigos e contra si mesmo. O autor descreve acima o horror vivido pelos judeus exilados no dia da invasão Babilônia, motivo das imprecações do salmista. No versículo 9, o termo “feliz” (*ashrê*, אֲשֶׁרֵי) é empregado em resposta ao ódio que sentia dos seus opressores. Pode ser interpretado como um possível sentimento de satisfação pelo cumprimento da vingança do Senhor sobre os responsáveis pela desolação de Jerusalém, em retribuição (“retribuir” [*guemulech*, גְּמוּלָהּ], do versículo 8) por todo o mal que lhes fizeram.

Logo, a mensagem do texto pode ser identificada como um clamor a Deus por justiça, inclusive “numerosos oráculos proféticos invocavam sobre eles a vingança de lahweh (Is 34.5s; Jr 49.17; Jl 4.19, Ml 1,3 s)” (BÍBLIA, 1985, p. 1102). Kidner (1992) argumenta, especialmente sobre o versículo 9, que, mesmo sendo cruel, ele representa uma prática comum dos povos ini-

migos de antigamente (Is 13.16; Na 3.10), inclusive contra Israel (2Rs 8.12; Os 13.16), embora não se deva, com isso, justificar tais palavras. Pfeiffer (1985, p. 434) declara que “a intensidade das emoções do salmista se vê em seu ódio contra os seus inimigos como também em seu amor por Jerusalém”, em suas imprecações. Swindoll (2014) afirma que, devido ao seu histórico de más decisões, o povo judeu teve que enfrentar duras penas e, como consequência, proferiu esse cântico de grande pesar expresso no Salmo 137.

A respeito dessas más decisões, é possível verificar que Deus se revelou por intermédio dos seus profetas acerca da punição que lhes sobreviria, devido à idolatria e à desobediência do povo judeu, porém eles não lhes deram ouvidos. Miquéias, há alguns anos antes da invasão Babilônica à Jerusalém, acusou seus líderes de serem infiéis e corruptos e de sentirem-se imunes à punição, ao declararem: “Não está o Senhor no meio de nós? Nenhum mal nos sobrevirá” (Mq 3.11). Por esse motivo, Jerusalém seria arrasada (Mq 3.12). Essa destruição ocorreu como haviam profetizado os profetas, entre os quais Jeremias, em Jeremias 25.8-11, que, inclusive, durante o cerco da Babilônia a Jerusalém, encontrava-se encarcerado por alertá-los e convidá-los ao arrependimento de pecados (Jr 32.2-5).

Jeremias, no livro que leva o seu nome, denuncia em suas falas, “[...] os sacerdotes (20.1-6), os falsos profetas (28), os sábios de Israel (8.8-9; 9.11), os de Temã (49.7) e os de Babel (50.35)” (LÍNDEZ, 2014, p. 31). O Livro de Lamentações retrata a sua profunda tristeza pela destruição de Jerusalém, após presenciar o castigo ocorrido devido à manifestação do juízo divino (Lm 1.18). Ele reconhece a manifestação da ira de Deus pelo pecado do povo, conforme Jeremias 1.5, 8; 3.42-43; 4.6; 5.16, e expressa toda a sua aflição em forma de lamento. Deste modo, entende-se que o lamento por si só não deve ser rejeitado no contexto religioso, pois ele dá voz ao sofrimento, faz parte da vida humana. Ele é a linguagem do sofredor, que expressa situações profundas e po-

éticas de toda a existência humana. No entanto, deve ser acompanhado da reflexão sobre os possíveis motivos envolvidos, caso existam, como uma espécie de oração para confissão de pecados.

## 2. APRESENTAÇÃO DE UM PARALELO ENTRE A VINGANÇA E O PERDÃO

Não descartando o sofrimento vivido pelos judeus exilados que se lamentavam por terem sido abruptamente separados de sua nação, mas, assumindo por contexto o exílio babilônico, torna-se inevitável a comparação da postura deles com a do seu conterrâneo Daniel. Apesar de toda a dor e a tristeza pela desolação de sua terra e por ter sido deportado para a Babilônia, ele se manteve fiel a Deus e aos costumes judaicos (orava três vezes ao dia com as mãos estendidas para Jerusalém, conforme Daniel 6.10). Mesmo exilado, ele não abdicou da sua identidade religiosa. Com toda a força da sua convicção em Deus, nem ele nem seus companheiros se contaminaram com os manjares oferecidos pelo rei da Babilônia (Dn 1.8-17), “Daniel manteve esse compromisso pessoal de devoção mesmo diante do decreto real que buscava proibir a adoração a Yahweh (Dn 6.3-5). [...] A vida de Daniel demonstrou compromisso de ouvir, conhecer a Palavra de Deus e vivê-la de forma prática” (BÍBLIA, 2011, p. 1312), um exemplo a ser seguido por todos.

Contudo, no Salmo 137, os exilados alegraram-se na esperança da queda do império que os escravizava e dos que os praguejaram, rogando a Deus que exercesse juízo sobre os responsáveis por tamanho sofrimento. Kraus (1985) defende que, muito mais que um puro e simples desejo de vingança sentido pelos judeus exilados, havia incutido nesse salmo o conceito veterotestamentário de justiça pela reciprocidade e, neste caso, o próprio Deus havia sido enfrentado pelos povos inimigos, logo, por isso, é chamado a executar o seu juízo. Daniel, por sua vez, em um ato de humildade, reconhece que o povo judeu havia sido

desobediente e pede perdão a Deus pelos pecados cometidos (Dn 9.4-6). Em lugar de um pedido de vingança, ele roga a Deus por restauração semelhante à que livrou o povo da escravidão no Egito, para notoriedade entre os povos (Jr 32.20). Para ele, assim como Deus os libertou do Egito, também poderia libertá-los da Babilônia (Dn 9.15-16), pois, como Baldwin (1978) declara, a misericórdia e o perdão são aspectos da justiça de Deus.

Vale lembrar que a Lei de Talião não expressa, por si só, toda a ética veterotestamentária, pois no Antigo Testamento também é possível evidenciar a misericórdia de Deus, em textos como Levítico 19.18, Provérbios 25.21,22 e Lamentações 3.30-33. Ou seja, ainda nesse período, a Bíblia ensina sobre a prática do perdão e da misericórdia. Além disso, apesar de ela não ter sido criada com o propósito de dar a uma pessoa o direito de vingar-se de alguém, em particular, mas para guiar algum juiz de acordo com uma constituição civil, Jesus eliminou os fundamentos dessa lei, ao ensinar que a vingança não deve fazer parte da vida cristã (Mt 5.38-48).

### **3. A IMPORTÂNCIA DO ARREPENDIMENTO E DO PERDÃO PARA A SALVAÇÃO**

Em consonância ao ensino doutrinário cristão, que prioriza o amor, faz-se necessário o exercício do arrependimento e do perdão. Quando interpelado por fariseus, Jesus resumiu toda a lei no amor (Mt 22.34-40). Na oração ensinada aos seus discípulos, Ele os instruiu a rogar ao Pai por perdão, na mesma medida em que são perdoados os inimigos (Mt 6.12). Essa atitude foi evidenciada em Daniel, que partilhava com o salmista do mesmo período de sofrimento. Após compreender o propósito divino com o exílio, consequência do pecado (Dn 9.2), ele clama a Deus por misericórdia (Dn 9.4), por reconhecer que a razão de tamanho sofrimento era a rejeição às profecias divi-

nas (Dn 9.5-6). Os judeus cativos haviam se rebelado contra Deus e para que o seu relacionamento fosse restaurado, era necessário suplicar por misericórdia e perdão (BALDWIN, 1978), ao invés de juízo e maldição.

Sobre as suas implicações soteriológicas, o Salmo 137 evidencia a expectativa pela salvação humana, um clamor a Deus por justiça baseado no princípio de reciprocidade atualizado por Jesus. Ele ultrapassou esse padrão veterotestamentário da justiça, por meio do amor, pois sua justiça, por intermédio de seu sacrifício de cruz, não somente cancela a punição que havia devido ao pecado, como também pode ser praticada por meio dEle (BÍBLIA, 1995). Isso porque o amor de Deus não visa à condenação, mas à salvação pelo arrependimento de pecados (Lc 9.54-56), isto é, pela fé em Jesus. Assim, o único que detém o poder de julgar não veio ao mundo para condenar, e, sim, para salvar (Jo 3.16-18).

O profeta Jeremias instruiu o povo judeu a buscar a Deus mesmo em terras estrangeiras para que fosse ouvido (Jr 29.12). Daniel, com zelo e devoção, cumpre essa determinação e considera a si mesmo indigno, em sua oração (Dn 9.4-19). Gusso (2007) declara que retribuir o mal com o mal é justo, esquecer sem guardar mágoas, uma demonstração de perdão, contudo, retribuir com o bem os que praticam o mal, embora mais difícil, é um ato cristão. Ao instruir Pedro acerca do perdão, é possível que Jesus tenha comparado a atitude de Lameque, descendente de Caim, que praticava o “cúmulo” da vingança (Gn 4.23-24), com o “cúmulo” do perdão (Mt 18.21-22), característica do cristão. Ele próprio se fez “maldição” (Gl 3.13), ao assumir voluntariamente, no sacrifício de cruz, uma pena condenatória que cabia à humanidade, devido ao pecado. Por meio de sua obra sacrificial, o desejo de vingança perdeu o sentido e prevaleceu a lei do amor (Mt 5.44-45). Logo, todo cristão deve pô-la em prática, servindo a todos em amor, vivendo a prática do amor, na fé em Jesus para a salvação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das informações evidenciadas na pesquisa, da análise do Salmo 137 e suas implicações soteriológicas, é possível concluir que as maldições emitidas nesse salmo, apesar de serem aparentemente contrárias à doutrina cristã, devem ser interpretadas à luz da ética veterotestamentária que prevê o uso de imprecações, devido ao conceito de justiça por reciprocidade endossado pela Lei de Talião e pela própria Lei Moisaica, embora ele não expresse, por si só, todo o princípio ético do Antigo Testamento, que também menciona textos sobre a necessidade do perdão e da misericórdia, como o de Provérbios 25.21,22: “Se o que te aborrece tiver fome, dá-lhe pão para comer; se tiver sede, dá-lhe água para beber, porque assim amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça, e o SENHOR te retribuirá”. Vale lembrar que a Bíblia, como um todo, não apoia os atos de vingança pessoal desenfreada, contudo, esse salmo evidencia um clamor por justiça, que suplica pela intervenção divina, diante das atrocidades sofridas pelas nações inimigas, alvo das imprecações do salmista.

212

O Salmo 137 assume um tom de inconformismo e de revolta devido à condição de sofrimento saudosista dos judeus exilados na Babilônia, por terem sido forçados a deixar a sua terra natal, que também foi destruída, no entanto, apesar de toda a dor e tristeza que sentiam, era necessário que se arrependessem diante de Deus. Esse foi o entendimento de Daniel quando suplicou perdão a Deus, por si mesmo e pelo povo. Em lugar de um pedido de vingança, o profeta clamou por misericórdia, visto que a Babilônia foi só um instrumento nas mãos de Deus para castigar o Seu povo, que havia se tornado rebelde aos Seus ensinamentos.

Na doutrina cristã, mediante a obra sacrificial de Jesus, esse conceito de justiça por reciprocidade foi redefinido e substituído pela Lei do amor (Mt 5.38-48), que determina amar e

perdoar, mesmo aqueles que os maldizem e os maltratam. O exílio babilônico foi, de fato, humilhante e sofrido para os judeus, e a lembrança da queda e da destruição de Jerusalém era devastadora. No entanto, era necessário que refletissem sobre a real motivação dessa aflição, a desobediência a Deus. Conforme evidenciaram os profetas, seus governantes eram corruptos e gananciosos e seus líderes religiosos, desobedientes. Então, de nada adiantaria chorar e se lamentar se não houvesse profundo e sincero arrependimento, afinal, desejo de vingança e imprecisão gera apenas ainda mais perturbação, pois lamento sem arrependimento é um tormento e não conduz ao perdão divino, nem à salvação, mas o favor imerecido de Cristo, sim. Deste modo, é possível afirmar que lamento é gerado no sofrimento, produz mais tormento, não é solução. Arrependimento provoca mudança, conduz ao perdão, é um ato cristão.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, William César de. Uniões Mistas em Israel: indícios de uma realidade multiétnica e multicultural. **REMHU**, Brasília, v. 16, n. 30, p. 183-201, 2008.

BALDWIN, G. Joyce. **Daniel**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1978.

BEAUMONT, Mike. **Guia prático da Bíblia**. Tradução de Vanderlei Ortigoza Junior. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição revista. São Paulo: Paulinas, 1985. 2366 p.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Vida Nova**. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. São Paulo; Brasília: Vida Nova; Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia da mulher**. Leitura, devocional, estudo. Almeida Revista e Corrigida. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011. 2176 p.

BOUZON, Emanuel. **O código de Hamurabi**. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

CHAMPLIN, Russel Norman. Salmos. *In*: CHAMPLIN, Russel Norman. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2001. v. 4. p. 2051-2522.

CRAIGIE, Peter C. **Psalms 1-50**. Dallas: Word Books, 1983.

FRANCISCO, Edson de Faria. **Antigo Testamento interlinear hebraico-português**. v. 4. Escritos. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2020.

FRIDLIN, Vitor; GORODOVITS, David; FRIDLIN, Jairo. **Salmos com tradução e transliteração**. 5. ed. São Paulo: Sêfer, 1999.

GUSSO, Antônio Renato. **As maldições do Salmo 137: o princípio na justiça do Antigo Testamento como chave bíblica para a interpretação**. 2007. 289 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, São Bernardo do Campo, 2007. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/442/1/Antonio%20Renato%20Gusso.pdf>. Acesso em: 12 out. 2021.

KIDNER, Derek. **Salmos 1-72: introdução e comentário**. 2. ed. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1981.

KIDNER, Derek. **Salmos 73-150: introdução e comentário**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1992.

KRAUS, Hans-Joachim. **Teologia de los Salmos**. Salamanca: Sigueme, 1985.

LÍNDEZ, José Vílchez. **Sabedoria e sábios em Israel**. Tradução de José Benedito Alves. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

PEARLMAN, Myer. **Salmos**: adorando a Deus com os filhos de Israel. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

PFEIFFER, F. Charles; HARRISON, F. Everett. **Comentário Bíblico Moody**. São Paulo: Batista Regular, 1985.

RADMACHER, D. Earl *et al.* **O Novo Comentário Bíblico do Novo Testamento**: a Palavra de Deus ao alcance de todos. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2010.

SCHIMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução de Annemarie Höhn I. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

SCHÖKEL, Luís Alonso; CARNITI, Cecília. **Salmos I**: Salmos 1-72, introdução e comentário. São Paulo: Paulus, 1996.

SWINDOLL, Charles. **Vivendo Salmos**: motivação para os desafios da vida moderna. Tradução de Degmar Ribas e Michael Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.